

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

JÚLIA GOMES ARAÚJO ZAMPIERE



Análise da tradução dos neologismos criativos presentes no romance  
*O caminho dos reis*, de Brandon Sanderson

Uberlândia/MG

2024

JÚLIA GOMES ARAÚJO ZAMPIERE

Análise da tradução dos neologismos criativos presentes no romance  
*O caminho dos reis*, de Brandon Sanderson

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Profa. Dra. Cynthia Beatrice Costa

Uberlândia/MG

2024

JÚLIA GOMES ARAÚJO ZAMPIERE

Análise da tradução dos neologismos criativos presentes no romance  
*O caminho dos reis*, de Brandon Sanderson

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do  
Instituto de Letras e Linguística da Universidade  
Federal de Uberlândia como requisito parcial para  
a obtenção do título de Bacharel em Tradução

Banca de Avaliação:

Profa. Dra. Cynthia Beatrice Costa – UFU  
Orientadora

Profa. Dra. Francine de Assis Silveira – UFU  
Membro

Profa. Dra. Paula Godoi Arbex – UFU  
Membro

Uberlândia/MG, 14 de novembro de 2024

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Melissa e Juscelino, por sempre me apoiarem nas minhas escolhas e por incentivarem desde o início minha maior paixão: os livros. Obrigada por fazerem de tudo e mais um pouco por mim. Vocês são o motivo de eu poder seguir os meus sonhos.

Aos meus amigos, Karol, Ismael e Sara, por estarem ao meu lado e tornarem esta jornada mais leve.

Aos meus colegas de classe, pela companhia e pelos aprendizados compartilhados.

Aos professores do Curso de Tradução, pelos ensinamentos e pelo incentivo durante todo o percurso.

À minha orientadora, Cynthia, pelo apoio e pela paciência durante a produção deste trabalho e pela dedicação e inspiração na sala de aula.

*“And so, does the destination matter? Or is it the path we take?  
I declare that no accomplishment has substance nearly as great  
as the road used to achieve it. We are not creatures of  
destinations. It is the journey that shapes us. Our callused feet,  
our backs strong from carrying the weight of our travels, our  
eyes open with the fresh delight of experiences lived.”*

*(The Way of Kings, Brandon Sanderson)*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a tradução do inglês para o português dos neologismos criativos presentes em *O caminho dos reis* (2022), de Brandon Sanderson. Inicialmente, traz uma breve discussão sobre o romance e a tradução do gênero literário fantasia no Brasil. Em seguida, são abordadas as teorias que serviram de base para a classificação proposta na análise: de equivalência, conforme Pym (2017), Chanut (2012), Barbosa (1990) e Nida (1964); e da tradução de nomes, segundo Nord (2003). As estratégias tradutórias utilizadas na tradução do romance, realizada por Pedro Ribeiro e Paulo Afonso, foram divididas em três categorias: equivalência de sentido, equivalência de som e recriação. Dessa forma, a análise da tradução dos neologismos selecionados reflete acerca das possíveis estratégias para a tradução de neologismos na literatura contemporânea de fantasia.

**Palavras-chave:** Tradução literária. Neologismo criativo. Equivalência. *O caminho dos reis*.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the translation from English into Portuguese of the creative neologisms present in *The Way of Kings* (2022), by Brandon Sanderson. Initially, it presents a brief discussion about the novel and the translation of the fantasy literary genre in Brazil. Then, it presents the theories upon which the categorization proposed in the analysis was based: equivalence, according to Pym (2017), Chanut (2012), Barbosa (1990), and Nida (1964); and the translation of proper names, according to Nord (2003). The strategies used in the translation of the novel, which was carried out by Pedro Ribeiro and Paulo Afonso, were divided into three categories: equivalence of meaning, equivalence of sound, and recreation. The analysis of the translation of the selected neologisms reflects on the possible strategies for the translation of creative neologisms in contemporary fantasy literature.

**Keywords:** Literary Translation. Creative neologism. Equivalence. *The Way of Kings*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1.1 Objetivos .....	9
1.2 Justificativa .....	9
1.3 Metodologia .....	11
CAPÍTULO 1 – A OBRA E A TRADUÇÃO DE FANTASIA NO BRASIL.....	12
1.1 A obra .....	12
1.2 A tradução de fantasia no Brasil.....	14
CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO .....	17
2.1 Equivalência .....	17
2.1.1 Equivalência de sentido.....	20
2.1.2 Equivalência de som .....	21
2.2 Tradução de nomes .....	22
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA TRADUÇÃO .....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	34
REFERÊNCIAS.....	36



## INTRODUÇÃO

Objeto do presente estudo, o romance de fantasia épica *The Way of Kings*, escrito pelo americano Brandon Sanderson, foi lançado originalmente em 2010 e foi vencedor do prêmio David Gemmell de Fantasia em 2011. O autor nasceu em Nebraska, Estados Unidos, em 1975, e contabiliza hoje 32 milhões de cópias de suas obras vendidas no mundo. Sanderson tornou-se muito conhecido por suas séries “Mistborn” e “The Stormlight Archive”, além de sua conclusão da série de fantasia “The Wheel of Time” (“A roda do tempo”, no Brasil), após o falecimento de seu primeiro autor, Robert Jordan.

*The Way of Kings* é o primeiro livro da saga “The Stormlight Archive”, que narra os conflitos políticos e fantásticos ocorridos no planeta Roshar pelo ponto de vista de diversos personagens, intercalando e conectando suas narrações ao longo da narrativa. A saga engloba quatro romances e duas novelas, com a previsão de mais seis romances para a finalização do enredo. No Brasil, o primeiro romance da saga, objeto de estudo do presente trabalho, foi traduzido por Pedro Ribeiro e Paulo Afonso e publicado pela editora Trama em 2022, com o título *O caminho dos reis*.

A maioria dos livros de Sanderson está inserida em um universo ficcional criado por ele, a Cosmere. Nesta galáxia, existiriam vários mundos onde diferentes narrativas se passam, cada qual com seu sistema único de magia. Algumas das histórias interligam-se em determinado ponto, graças às personagens denominadas *worldhoppers*, que têm a habilidade de se transportar de mundo em mundo. O universo da Cosmere é vasto e intrincado, abrangendo mais de 15 romances e outros 10 contos, e Sanderson tem planos de conectar ainda mais suas histórias nos próximos anos.

Em sua matéria sobre o autor para o *The New York Times*, Dana Jennings define o trabalho de Sanderson como bem elaborado: “(...) o que faz com que ‘Stormlight’ se destaque é como Sanderson supera as expectativas do gênero por meio de uma criação de mundo detalhada”<sup>1</sup> (Jennings, 2014). É de fato palpável o detalhamento na construção de mundo na obra de Sanderson, o que inclui a criação de nomes próprios e neologismos criativos para nomear lugares, fenômenos,

---

<sup>1</sup> Tradução minha de: “(...) what sets ‘Stormlight’ apart is how Mr. Sanderson raises genre stakes through detailed world building”.

acontecimentos. Adota-se neste trabalho o termo “neologismo criativo” por ser entendido como uma criação autoral não compartilhada socialmente, ou seja, “que faz parte do intelecto de uma pessoa e não faz parte de um vocabulário compartilhado” (Reite, 2013, p. 56).

A construção de fantasia detalhada da obra de Sanderson resulta na necessidade de grande criatividade no processo tradutório. É por isso que esta monografia se debruça sobre nomes e neologismos desse universo, tais como traduzidos no volume *O caminho dos reis*.

A seguir, são apresentados os objetivos e a justificativa deste estudo.

## 1.1 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é identificar padrões de estratégia nas traduções de neologismos criativos, nomes próprios e expressões na edição brasileira de *O caminho dos reis* (2022).

Os objetivos específicos desta pesquisa são:

- Comparar o texto de partida com o de chegada, levando em consideração os neologismos criativos inventados pelo autor e como foram recriados em português brasileiro pelos tradutores;
- Contribuir para o estudo da tradução de nomes próprios e neologismos na esfera da literatura contemporânea de fantasia;
- Observar um caso de recriação em literatura de massa.<sup>2</sup>

## 1.2 Justificativa

Esta pesquisa se justifica por abordar uma obra de grande impacto entre um nicho de leitores aficionados pela literatura contemporânea de fantasia, mas que ainda não é estudada academicamente, sobretudo em língua portuguesa.

---

<sup>2</sup> A “literatura de massa” é entendida aqui como proposta por Costa e Pissetta (2022, p.184): “Ainda assim, de maneira geral e sem a pretensão de fechar a questão, é possível circunscrever o que se entende por literatura de massa: livros de ficção produzidos com vistas à venda, escritos propositalmente em linguagem acessível, com enredos formulaicos e personagens que convidam a uma fácil identificação por parte do grande público”.

O mercado editorial brasileiro consiste, em grande parte, da publicação de literatura de massa<sup>3</sup>. Dessa forma, seria natural presumir que a tradução desse tipo de obra é um tema muito abordado em Estudos da Tradução, porém, não é o caso. Existem poucas análises tradutórias sobre literatura de massa, sendo ela também subestimada do ponto de vista acadêmico (Costa; Pisetta, 2022).

Uma possível exceção são célebres obras de literatura de massa – em geral, do gênero fantasia, como a saga “Harry Potter” – que ocupam um espaço maior como objeto de estudo nessa área, graças ao grande interesse que elas despertam entre os estudantes. Por exemplo, o trabalho “A tradução dos nomes em Harry Potter” (Leite, 2017) apresenta uma análise da tradução de certos nomes próprios da saga, enquanto “Os nomes da Terra Média: as dicas de J.R.R.Tolkien para a tradução de *O Senhor dos Anéis*” (Gonçalves, 2005) discute a tradução de línguas fictícias e o guia de tradução criado pelo próprio Tolkien.

Como apontam Costa e Pisetta (2022), a literatura de massa, embora com frequência considerada “menor” do que a literatura canônica ou complexa, também apresenta desafios peculiares ao tradutor. Um deles tem relação com o público aficionado: com frequência, sagas como a de Sanderson conquistam nichos fiéis de leitores muito atentos à tradução. Isso pode levar o tradutor

à adoção de algumas estratégias: entender o porquê do sucesso, de modo a possivelmente valorizar, em seu trabalho, determinado aspecto muito querido pelos fãs; familiarizar-se com a maneira como os fãs têm traduzido a obra, seja para manter o padrão, seja para modificá-lo conscientemente; manter decisões vocabulares do início ao fim, tendo em mente que boa parte do público lerá todos os livros, às vezes até mesmo em sequência. (...) Em outras palavras, não é porque um texto literário é menos complexo que isso signifique que o tradutor seja necessariamente menos cobrado, ou que o tradutor não possua uma responsabilidade ética para com aquela tarefa. (Costa & Pisetta, 2022, p. 190-191)

Apesar dos desafios da tarefa de traduzir esse tipo de literatura, essa é uma discussão não muito presente na academia. Assim, esta pesquisa justifica-se pela relativa escassez de pesquisas sobre tradução de neologismos e nomes próprios em

---

<sup>3</sup> Essa denominação pode ser polêmica, pela possibilidade de ser lida com uma conotação pejorativa, porém, essa não é a conotação utilizada nesse estudo.

textos literários, principalmente aqueles que não são considerados canônicos. Sendo essa uma questão tradutória complicada, como afirma Lyons:

A particularidade dos nomes próprios advém do facto de funcionarem como designadores não por via de qualquer conteúdo semântico que eventualmente possam ter, mas pela associação única e arbitrária entre um nome próprio e o seu portador. (Lyons, 1980, p. 176 *apud* Lopes, 2005, p.106)

Nomes levam a determinadas interpretações do enredo e da simbologia expressa no romance como um todo. Com frequência, a recriação desses nomes em outras línguas representa um desafio para o tradutor, que procura manter seu caráter sugestivo, ou a riqueza de possíveis interpretações que eles geram.

Desse modo, é caracterizada a necessidade de compreender melhor as possíveis estratégias adotadas para traduzir nomes e expressões que desempenham papel relevante na narrativa.

### **1.3 Metodologia**

No início, foi necessário ler o romance *The Way of Kings*, de Brandon Sanderson, e sua respectiva tradução brasileira, *O caminho dos reis*, de Pedro Ribeiro e Paulo Afonso, de maneira a fazer a triagem dos neologismos e suas correspondentes traduções a serem analisadas. A ideia de investigar esse romance foi devido ao conhecimento e interesse prévio pelo autor e suas obras.

Em seguida, foi realizada a pesquisa bibliográfica, com o levantamento teórico de materiais que abordassem a questão da tradução de neologismos e de nomes em obras de fantasia.

Posteriormente, foi realizada a análise comparativa dos neologismos em inglês e português.

Por último, foi feita a redação do trabalho.

## CAPÍTULO 1 – A OBRA E A TRADUÇÃO DE FANTASIA NO BRASIL

### 1.1 A obra

Nesta seção, é apresentado um resumo do romance, para que o leitor possa contextualizar os neologismos que serão discutidos adiante neste trabalho. Para descrever o enredo, é adotada a tradução brasileira de Pedro Ribeiro e Paulo Afonso.

A história narrada no primeiro romance da série criada por Brandon Sanderson segue, principalmente, quatro personagens no planeta de Roshar: Kaladin, Shallan Davar, Dalinar Kholin e Szeth.

Szeth, um “Insincero” (um exilado que serve àquele que possui sua Sacrapedra) é enviado para assassinar Gavilar Kholin, rei de Alethkar, uma das nações mais poderosas de Roshar, onde a sociedade é dividida entre olhos-claros e olhos-escuros (a elite e a plebe). Sendo um pacificador, Szeth é atormentado pelas tarefas que é obrigado a realizar. Ao longo da narrativa, ele constantemente muda de lado e faz seu melhor para esconder que possui uma Espada Fractal, uma espada mágica pertencente aos Cavaleiros Radiantes, capaz de atravessar qualquer material e matar com apenas um corte.

Com a morte do rei de Alekhtar, a nação entra em guerra com os parshendianos, o povo que alega ter mandado assassinar Gavilar. Enquanto isso, o Grão-príncipe Dalinar, irmão do falecido rei, investiga uma mensagem que foi escrita com o sangue de Gavilar, que o leva até um tomo antigo nomeado *O caminho dos reis*. Seus estudos sobre o livro fazem-no questionar o modo de vida dos alethianos. Além disso, ele começa a vivenciar visões com os antigos Cavaleiros Radiantes, conseguindo até interagir com eles. Essas visões não só trazem dúvidas sobre a história dos Radiantes, como também revelam a verdade sobre os Esvaziadores, monstros lendários e muito temidos, e o estado atual do planeta. Todos esses eventos tornam Dalinar relutante em guerrear, fazendo com que outros Grãos-príncipe queiram eliminá-lo. Ademais, ele tem que lidar com o sobrinho, o recém-coroadado rei, que se torna cada vez mais paranoico com sua própria segurança.

Paralelamente, Kaladin, um camponês olhos-escuros que nutre um ódio intenso pelos olhos-claros, vive um momento de desespero. Treinado para ser cirurgião, Kaladin se voluntariou para ir para a guerra como integrante do exército do lorde de sua cidade. Ele o fez para proteger seu irmão mais novo, que também foi convocado, porém, seu irmão é morto em sua terceira batalha. Após um tempo, Kaladin se alista novamente, com a esperança de se tornar um guerreiro melhor para proteger os outros. Durante uma batalha, ele consegue matar um Fractário inimigo, tendo o direito de reclamar a Espada e a Armadura dele, podendo tornar-se um olhos-claros. Porém, ele rejeita os itens, e é logo traído pelo Luminobre Amaram, que pega os artefatos para si e transforma Kaladin em um escravo, para acobertar o roubo. Essa situação aumenta o ódio de Kaladin por olhos-claros e causa cicatrizes emocionais nele. Agora, como escravo, ele é forçado ao serviço de carregador em uma equipe de pontes dentro de um dos dez exércitos lutando nas Planícies Quebradas.

O trabalho da equipe é o de carregar e posicionar grandes pontes móveis para que a infantaria possa passar pelas fendas das Planícies e, por isso, eles são alvos fáceis para os arqueiros inimigos. Kaladin, percebendo o quanto os homens se sentem derrotados e desesperançados, torna sua missão organizá-los em um grupo funcional e mantê-los vivos. Com o tempo, os homens de sua equipe cultivam entre si uma relação familiar, dando a Kaladin um motivo para viver. Porém, após acidentalmente arruinar um ataque ao ordenar que os homens usem a ponte como escudo, ele é espancado e deixado do lado de fora durante uma grantormenta, uma tempestade intensa e perigosa, ou seja, uma sentença de morte. Contudo, ele sobrevive ao, inconscientemente, drenar Luz das Tempestades das esferas (moeda local infundida por Luz) que ele segurava. Como consequência, Kaladin descobre que possui uma habilidade, apesar de não saber o nome dela ou suas capacidades. E, enquanto ele tenta encontrar uma forma de salvar seus homens da vida de carregador, ele se conecta com seus poderes e começa a aprender a usá-los.

Do outro lado do oceano, Shallan, uma olhos-claros de uma casa mais baixa, que está indo à falência, arma um plano para trocar um Transmutador quebrado (um dispositivo que permite que objetos sejam transformados em outros, como água para comida) por um funcional, pertencente a Jasnah Kholin, sobrinha do Grão-príncipe Dalinar. Shallan solicita que Jasnah torne-se sua tutora, mas tem seu

pedido negado. Contudo, por meio de um esforço persistente, ela consegue conquistar a confiança de Jasnah e vira sua pupila. Porém, à medida que Shallaan conhece a mulher por trás da máscara austera, ela se encanta com a nova vida e começa a questionar seu plano inicial. A situação se complica com sua incapacidade de usar o Transmutador, até um fatídico dia, quando ela acidentalmente transforma um cálice em sangue. Jasnah entra no quarto nesse momento, e Shallaan se corta com um pedaço de vidro para parecer que o sangue era dela. Shallaan logo descobre que o Transmutador de Jasnah não possui a habilidade de transmutação, sendo apenas um disfarce para sua habilidade natural incomum. Quando Jasnah descobre que Shallaan também pode transmutar, ela a perdoa por tentar roubar seu Transmutador e passa a treiná-la. Ela também revela sua pesquisa sobre as origens dos Cavaleiros Radiantes e Esvaziadores e prepara Shallaan para viajar com ela até as Planícies Quebradas para conhecer seu tio.

Como se pode perceber, o trabalho de Sanderson demonstra grande criatividade, e a linguagem que ele cria é compatível com o intrincamento do enredo e das relações entre as personagens. Há de amálgamas de palavras, como “Sacrapedra”,<sup>4</sup> até palavras completamente inventadas, como “Alekhhtar”, como será mais discutido adiante. O autor nos apresenta um vocabulário próprio e muito rico, sendo a unicidade desse vocabulário ao longo de toda a saga uma característica essencial da narrativa. Portanto, torna-se evidente a atenção que deve ser dedicada a suas traduções.

## 1.2 A tradução de fantasia no Brasil

A literatura de fantasia apresentou um grande crescimento nas últimas décadas, em grande parte por causa de suas adaptações audiovisuais (Rodrigues, 2022). No Brasil, isso resultou em uma dubiedade: o desejo de trazer ao país séries que se tornaram célebres em outros lugares do mundo, mas, ao mesmo tempo, o temor da falta de vendas, já que o Brasil, de forma geral, possui um público leitor bastante restrito. No país, a média de livros lidos por ano, por pessoa, é de 2,43, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura do Instituto Pró-Livro (*apud* Pró-Saber São Paulo, 2023).

---

<sup>4</sup> Em inglês, *Oathstone*.

Em um *post* sobre a publicação de *A roda do tempo*, para o *blog* da editora Intrínseca, Flora Pinheiro fala um pouco sobre a dificuldade de publicar uma série internacional de fantasia no Brasil. Ao comentar sobre a tradução, ela questiona: “Como optar pela tradução específica de um termo fictício, que pode repercutir três ou cinco livros depois, quando ainda estamos nos familiarizando com esse novo mundo?” (Pinheiro, 2016). Esse é um dos pontos mais inquietantes quando se trata de traduzir uma série extensa, sobretudo quando ela não está finalizada, pois uma escolha equivocada pode causar um grande problema de coerência adiante; se não for vendida a contento, também pode acontecer de ser interrompida antes do fim da narrativa.

De 2013 até 2020, a editora responsável por publicar as obras de Brandon Sanderson no Brasil foi a LeYa, chegando a publicar sete livros. Em junho de 2020, a editora anunciou que não publicaria mais as obras do autor, com a justificativa de que o investimento na publicação desses livros era muito alto e não apresentava retorno. Em seu comunicado, a editora discorre sobre o gênero fantasia:

Já há algum tempo temos compartilhado com vocês as dificuldades que enfrentamos para seguir o caminho de edição de alguns belos livros de literatura fantástica, quanto mais para as obras de autores que se dedicaram à escrita de grande e volumosas obras.

Às vezes, demoramos a tomar uma decisão, imbuídos, exclusivamente, do forte e legítimo desejo de encontrar um caminho, uma solução que dê resposta à necessidade de investimentos imposta por obras extensas, em língua estrangeira (exigindo desde o trabalho apurado de tradução até a impressão caprichada) em contraposição a um movimento de mercado que indica preços de capa que, apesar de construídos historicamente como referência de “o justo a pagar”, ou “o que o público quer e/ou consegue pagar”, não remuneraram o investimento editorial realizado pela empresa.

(...)

No entanto, a retração da literatura fantástica no mundo todo também se reflete no Brasil. Infelizmente, as tiragens hoje compradas desses livros não sustentam qualquer projeção de escala industrial e tudo isto está somado, agora, ao cenário de grande instabilidade que todo o mundo vive. (LeYa *apud* Facchini e Neto, 2020)

Com essa mudança, a editora Trama adquiriu os direitos do autor em 2021 e publicou cinco obras até o momento. Além disso, a editora já anunciou o



relançamento de “Mistborn”, a série que abrange sete livros no total, e que tinha sido publicada pela editora LeYa anteriormente, com exceção de seu último volume, que ainda não tinha sido lançado pelo autor quando a editora detinha os direitos dele no Brasil.

O Skoob é a maior rede social para leitores no Brasil. A plataforma gratuita permite que os leitores criem sua biblioteca virtual, adicionando nela os livros que já leu, tem vontade de ler ou estão lendo, para compartilhar suas opiniões sobre a leitura com outras pessoas. Com base nesses dados, a plataforma disponibiliza algumas listas de “Top mais” que indicam os 106 livros mais listados pelos usuários em determinada categoria. Na lista atual (ano de 2024) de livros mais lidos no Skoob, 39 são de fantasia (por volta de 37% do total), sendo que 21 deles são continuações de cinco livros que já estão listados, ou seja, 18 livros de fantasia de escritores diferentes. Desses 39 livros, 15 (38%) deles estão na lista de mais trocados e 20 (51%) na lista de mais abandonados, o que pode indicar um desapego ou afastamento do público em relação a livros desse gênero. Apesar de esses dados serem apenas dos usuários da plataforma, podemos concluir que a fantasia no país é, de certa forma, bastante consumida, mas em um âmbito muito limitado, no qual os leitores dão mais oportunidade para as séries já muito bem estabelecidas, como “Harry Potter”, “Percy Jackson” e “Crepúsculo”, que compõem grande parte dessas listas.

Com base nesses dados, percebe-se que há narrativas de fantasia, geralmente as mais longas e com um enredo mais complexo, que não recebem muito espaço para se estabelecerem junto ao público brasileiro, fazendo com que as editoras tenham investido na publicação de autores como Brandon Sanderson – embora sua obra tenha persistido por enquanto em nosso país, e em nossa língua, por meio da iniciativa da atual editora.

## CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO

O primeiro livro da série “The Stormlight Archive”, objeto da presente pesquisa, apresenta diversos elementos fantásticos, visto que é a introdução ao mundo de Roshar para o leitor. Com isso, a presença de palavras inventadas pelo autor é muito recorrente, uma característica que não é específica de Brandon Sanderson, mas do gênero fantasia, como aponta Altynbekov (2024):

O uso de “ocasionalismos” na literatura fantástica é uma prática comum que ajuda autores a criarem mundos mais complexos e únicos, tornando-os mais atrativos e interessantes para os leitores. Podem ser considerados “ocasionalismos” os nomes de lugares fictícios (topônimos), línguas ficcionais, termos mágicos, entre outros<sup>5</sup>. (Altynbekov, 2024, p.38)

Para a tradução, essa liberdade linguística apresenta uma dificuldade, pois cabe ao tradutor buscar lógica ou significado, ou mesmo a falta deles, no processo de criação utilizado pelos autores para essas palavras. Em seguida, é necessário decidir como será a tradução do neologismo, etapa na qual o tradutor pode se basear em diferentes estratégias.

Por isso, para o presente estudo, serão discutidos os conceitos de equivalência e a tradução de nomes próprios.

### 2.1 Equivalência

O conceito de equivalência é abrangentemente discutido nos Estudos da Tradução. Segundo Barbosa (1990): “A equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO<sup>6</sup> por um outro segmento da LT<sup>7</sup> que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente”. Dessa forma, a

---

<sup>5</sup> Tradução minha de: “*The use of occasionalisms in fantasy literature is a common practice that helps authors to create deeper and more unique worlds, making them more compelling and interesting to readers. Occasionalisms can include fictional place names (toponyms), created languages (conlangs), magical terms, and more.*”

<sup>6</sup> Língua original.

<sup>7</sup> Língua da tradução.

equivalência ideal é a que permite funcionalidade no texto de chegada, considerando a cultura receptora da tradução (Chanut, 2012).

A equivalência já foi considerada uma possível estratégia de tradução, que poderia ser aplicada ou não, a depender do tradutor. Também já foi bastante problematizada, com alguns autores refutando a possibilidade de equivalência na tradução, como Rodrigues (2000):

Se a cultura não é fonte das representações, mas seu efeito; se a representação não domina nem oculta o referente, ela cria e interpreta esse referente, sem oferecer um acesso imediato a ele, o tradutor não lida com uma "fonte", nem com uma "origem" fixa, mas constrói uma interpretação que, por sua vez, também vai ser movimento e desdobrar-se em outras interpretações. A tradução não pode transportar valores iguais ao texto de partida porque o processo transforma valores. Nesse sentido, a tradução é um texto que se insere em uma outra cadeia diferencial, corrigindo e modificando, o texto de partida. Assim, conceber a tradução como uma relação complexa entre dois textos, não como uma relação de equivalência em que haveria simetria entre eles, significa conceber a tradução como o lugar da diferença, como um processo que promove a transformação de valores. (Rodrigues, 2000, p. 97)

No entanto, no âmbito da Teoria do Escopo, por meio das considerações de pesquisadores como Reiss e Vermeer, a equivalência pode ser vista como uma característica quase intrínseca à tradução, colocando-a em um lugar de objetivo para o tradutor, não de processo. Essa diferenciação foi um dos motivos que fez com que os Estudos da Tradução se tornassem uma disciplina independente (Pym, 2017).

Muitos teóricos definem a tradução por meio da ideia de equivalência, como Nida (*apud* Chanut, 2012, p.47) fez ao propor que é preciso produzir um "equivalente natural" para a mensagem da língua de partida. Catford (2000) também se utiliza dessa noção, ao definir a tradução como "a substituição de materiais textuais de uma língua por materiais equivalentes em outra língua" (*apud* Chanut, 2012).

Esse entendimento é, inclusive, a base dos estudos descritivos da tradução, nos quais "a equivalência era uma característica de todas as traduções" (Toury *apud* Pym, 2017). Dessa forma, é aparente o quanto a equivalência se faz presente no ato

tradutório, já que os estudos descritivos se propuseram a descrever como as traduções são feitas em vez de prescrevê-las (Pym, 2017).

Na área de Terminologia, o termo “equivalência” é relativo ao que é consagrado como tradução, então, por exemplo, termos da área médica que são traduzidos sempre da mesma forma, pois é como os especialistas da área entendem aquela definição. Dessa forma, o “equivalente” é o termo na língua de chegada que mais se aproxima em definição do termo na língua de partida (Aubert, 2001).

A equivalência também pode ser dividida em diferentes categorias. Chanut (2012) define a equivalência funcional:

A equivalência funcional, tal como a compreendemos atualmente, refere-se ao procedimento pelo qual o tradutor procura, na língua de chegada, os elementos linguísticos, contextuais e culturais permitindo-lhe restituir um texto que pode ser funcional na cultura receptora. O qualificativo funcional deve ser entendido aqui no sentido pragmático. Quer dizer que o objetivo do tradutor é devolver um texto que permite cumprir os mesmos atos, jurídicos ou administrativos, que o texto de partida. (Chanut, 2012, p.58-59)

Com base em Nida (1964), Barbosa (1990) define as equivalências formal e dinâmica. Segundo ela, a equivalência formal é centrada no texto de partida, com a preocupação em manter a correspondência estilística, a correspondência de frase para frase e de conceito para conceito. Por outro lado, a equivalência dinâmica tem como objetivo atingir uma naturalidade na tradução, de forma que o leitor encontre elementos extralinguísticos da sua própria cultura no texto traduzido, portanto, ele não precisa compreender padrões culturais do contexto da língua de partida para entender a mensagem.

A equivalência é comumente utilizada no caso de expressões cristalizadas, as quais não fariam sentido para a cultura de chegada se traduzidas literalmente (Barbosa, 1990). Por exemplo, a expressão usada em inglês para indicar que algo é fácil é a *piece of cake*, que, se traduzido literalmente para “um pedaço de bolo” em português, não carrega o mesmo sentido para o público brasileiro, já que usamos expressões como “mamão com açúcar”.

A partir do conceito geral, surgem os diferentes tipos de equivalências, cada qual determinado pelo elemento que se visa a manter na tradução. Neste estudo serão discutidas as equivalências de sentido e de efeito sonoro, pois são elas as mais presentes nas estratégias de tradução de nosso objeto de estudo.

### 2.1.1 Equivalência de sentido

A equivalência de sentido se dá pela tradução considerando o significado dos neologismos, de modo a atribuir o mesmo sentido, mesmo que não necessariamente com as mesmas palavras. Essa estratégia foi bastante utilizada em *O caminho dos reis*, uma vez que foi preciso reinventar algumas estruturas levando em conta o sentido, porque o português não tem tanta flexibilidade quanto o inglês para a formação de neologismos criativos.

A facilidade para a criação de neologismos tem relação com o funcionamento da morfologia da língua inglesa, que permite, por exemplo, sem prejuízos para o entendimento, a junção de duas palavras para compor uma terceira. Empréstimos linguísticos colaboram para a riqueza e a flexibilidade de uma dada língua, e o inglês recebeu empréstimos de mais de 350 línguas (Robins; Crystal 2024). Isso não significa, é claro, que o português seja rígido demais para neologismos – ou seja, é possível gerar equivalentes criativos na nossa língua:

Todo idioma pode alterar seu vocabulário muito facilmente, o que significa que cada usuário pode, sem esforço, adotar novas palavras, aceitar ou inventar novos significados para palavras existentes e, claro, deixar de usar algumas palavras ou deixar de usá-las com certos significados. Os dicionários identificam algumas palavras e alguns significados como “obsoletos” para indicar tal processo. Não há dois falantes que compartilhem precisamente o mesmo vocabulário de palavras prontamente usadas e compreendidas, embora possam compartilhar o mesmo dialeto. Mas seus vocabulários terão naturalmente uma grande maioria de palavras em comum.<sup>8</sup> (Robins; Crystal, 2024)

---

<sup>8</sup> Tradução minha de: “Every language can alter its vocabulary very easily, which means that every user can without effort adopt new words, accept or invent new meanings for existing words, and, of course, cease to use some words or cease to use them in certain meanings. Dictionaries identify some words and some meanings as “obsolete” or “obsolescent” to indicate this process. No two speakers share precisely the same vocabulary of words readily used and readily understood, though they may speak the same dialect. They will, however, naturally have the great majority of words in their vocabularies in common.”

Pode-se entender a estratégia de criar novas palavras durante a tradução, como forma de equivaler neologismos criados pelo autor na língua de partida, com base na percepção de Nida (1964) sobre como a equivalência vai além da linguística de um texto. Descrevem Pontes e Francis (2014):

Por exemplo, Nida (1964) defende que a equivalência excede o que seria meramente linguístico, propõe um enfoque sociolinguístico e inclui o fator contextual. O conceito de “equivalência dinâmica”, proposto por Nida (1964), assenta-se na ideia de que a mensagem na língua de partida, ao ser traduzida, deveria expressar os mesmos efeitos no público-alvo da língua de chegada. (Pontes; Francis, 2014, p. 233)

Sendo assim, um exemplo é o caso do epíteto *Stormblessed*, que indica uma pessoa que é abençoada pelo Pai das Tempestades. Por ser uma expressão de cunho religioso, os tradutores escolheram adaptar o neologismo para “Filho das Tempestades”, com base no sentido, tornando a expressão mais familiar para os falantes de português. Dessa forma, a mensagem causa o mesmo efeito, ou o mais próximo possível, para o público brasileiro que aquele causado para o público falante de inglês.

### **2.1.2 Equivalência de som**

A equivalência de som se dá pela tentativa de reproduzir a sonoridade – ou o efeito sonoro – de determinada palavra do texto-fonte na língua de chegada. Para tanto, os tradutores transformam a sonoridade da palavra ou expressão estrangeira para uma sonoridade com proximidade à da língua de chegada.

A tentativa de recriar sons e todos os possíveis problemas decorrentes dessa tentativa são uma tradição na tradução de poesia, pois, na poesia, o próprio sentido está indissolivelmente ligado aos sons e valores rítmicos das palavras (Junqueira, 2012).

Na prosa, essa indissolubilidade parece estar menos presente, embora possa ser percebida na chamada “prosa complexa”, como aponta Haroldo de Campos

(2010) ao descrever textos em prosa que exigem o mesmo esforço de recriação de textos poéticos – caso dos contos de Lewis Carroll, por exemplo.

No caso do objeto de estudo da presente pesquisa, a tentativa de equivalência de som parece se dar não tanto no sentido de recriar efeitos para que seja mantida a indissolubilidade entre forma e sentido, mas mais de outra maneira: tenta-se compor uma grafia para a palavra ou expressão de modo a facilitar ao leitor o entendimento da pronúncia daquela palavra ou expressão desconhecida, pois, do contrário, ela causaria mais estranhamento ainda. Essa técnica foi bastante utilizada pelos tradutores de *O caminho dos reis*, principalmente nos casos em que as palavras não tinham nenhum significado aparente, como o caso da espécie de peixe *kolgril*, traduzida para *cougril*.

## 2.2 Tradução de nomes

Ao traduzir nomes próprios, o tradutor precisa escolher entre manter como estão no original, mudá-los ou adaptá-los. Essa decisão pode levar em conta diferentes fatores, como a grafia causar estranhamento, a pronúncia ser complicada, ou até mesmo a necessidade de apontar um significado sugerido pelo nome de uma personagem ou de um topônimo relevante para o enredo, por exemplo.

Como descreve Costa (2013), na história ocidental, houve uma longa tradição de se traduzir nomes de pessoas e lugares: “Exemplos disso são São Tiago (Saint James em inglês e Saint-Jacques em francês), Carlos Magno (Charlemagne para falantes de francês e inglês, Carolus Magnus em latim e Karl, der Grosse em alemão) e o aporuguesado Martinho Lutero (Martin Luther em alemão)” (Costa, 2013, p. 140). Na literatura, tal tradição também perdurou por bastante tempo, embora já não se note com tanta força hoje em dia:

Há também exemplos conhecidos de nomes próprios traduzidos aqui, e que assim se consolidaram no imaginário popular, como os irmãos do conto “João e Maria” (“Hänsel und Gretel”, no alemão dos Irmãos Grimm; é interessante saber que os nomes originais foram mantidos em Portugal e modificados no Brasil), Romeu e Julieta (do inglês Romeo and Juliet, de Shakespeare) e o Fausto (Faust, da lenda alemã e da obra de Goethe). (Costa, 2013, p. 141)

A tradução de nomes em textos literários pode gerar tanto admiração quanto uma má reação por parte dos leitores e críticos.

Há casos como da série “Harry Potter”, no qual a tradutora Lia Wyler decidiu por traduzir alguns nomes próprios que geraram discussão. Um dos mais comentados é o nome do pai do menino, chamado James Potter em inglês, traduzido para Tiago Potter em português. O motivo para tal mudança não se mostra claro, pois James não é um nome considerado tão incomum na nossa língua a ponto de precisar ser adaptado, tornando essa escolha um “equivoco”, como aponta Leite (2017). Há, porém, escolhas tradutórias que passam despercebidas ao público geral, como a tradução do nome da gata “Mrs Norris” para “Madame Nor-r-ra”, considerada uma boa escolha por Leite (2017), por reforçar na sua grafia o som forte da letra “r”.

Outro universo fantástico literário muito estudado é o da saga “O Senhor dos Anéis”, na qual Tolkien cria uma língua e alfabeto próprios. Como a história é teoricamente contada nessa língua fictícia, *O Hobbit* se inicia com uma explicação de que o inglês será usado para representar essa língua muito antiga. Um dos pontos que é explicado é que na língua inglesa só existe uma forma de plural para a palavra *dwarf*, sendo ela *dwarfs*. Porém, na história é usada a palavra *dwarves*, forma inventada pelo autor. Na edição da Harper Collins de 2019 em português, o tradutor Reinaldo José Lopes explica em uma nota de rodapé que será utilizado o plural “anãos”, uma forma menos utilizada, mas tão correta quanto “anões” (Tolkien, 2019). Assim, a nomenclatura escolhida para a espécie pode causar um estranhamento no leitor, podendo levá-lo a uma imersão maior nesse universo.

Baseando-se também em um referencial teórico que não costuma ser aplicado a uma prosa que não é considerada complexa – a ideia de “recriação” tal como sugerida por Haroldo de Campos (2011) –, este trabalho examina a hipótese de que, na impossibilidade de se traduzir expressões e nomes criativos, é preciso recriá-los na obra de chegada de modo a alcançar efeitos de leitura e de interpretação semelhantes.

Em um artigo sobre as traduções dos nomes próprios presentes em “Alice no País das Maravilhas”, Nord (2003) afirma que:



Para definir um nome para seus personagens fictícios, autores podem se basear em todo o repertório de nomes já existentes em sua cultura, e podem inventar nomes novos, fantásticos, absurdos e descritivos para os personagens de sua criação.<sup>9</sup> (Nord, 2003, p. 183)

O que fica patente é que, no caso da literatura contemporânea, parece ser importante entender o motivo de certos nomes terem sido escolhidos, para que o tradutor possa, assim, escolher uma tradução condizente com o contexto. Essa escolha pode ser complexa, visto que os nomes podem ter sido intencionalmente escolhidos pelos autores, como descreve Nord (2003): “Podemos seguramente assumir, portanto, que não há nomes na ficção sem algum tipo de intenção autoral por trás, apesar, claro, de que essa intenção possa ser mais óbvia para os leitores em certos casos que em outros”.<sup>10</sup> Desse modo, cabe ao tradutor investigar e decidir qual a melhor escolha para cada caso.

Um exemplo disso é o nome de um dos personagens principais de *O caminho dos reis*, Kaladin, que foi mantido na tradução brasileira. Seu nome é composto por “Kalak”, o nome de um dos Aarutos, os servos do Todo-Poderoso, e o sufixo “-din” que pertence à língua alethiana. O sufixo significa “*born unto eternity*” (Coppermind *apud* Zilio, 2022), portanto, se o nome fosse alterado para a grafia do português (ex: Caladim), causaria um deslocamento com a crença religiosa e a língua nativa da narrativa fictícia.

---

<sup>9</sup> Tradução minha de: “*To find a name for their fictional characters, authors can draw on the whole repertoire of names existing in their culture, and they can invent new, fantastic, absurd or descriptive names for the characters they create*”.

<sup>10</sup> Tradução minha de: “*We may safely assume, therefore, that there is no name in fiction without some kind of auctorial intention behind it, although, of course, this intention may be more obvious to the readers in one case than in another*”.

### CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Este capítulo apresenta exemplos de neologismos presentes no romance *The Way of Kings*, de Brandon Sanderson, e analisa como foram traduzidos para o português, conforme a tabela a seguir.

**Tabela 1:** Neologismos criativos

<b>Inglês</b>	<b>Português</b>
Alethi	Alethiano
Azish	Azishiano
Birthberries	Nascimoras
Branzhas	Branzás
Chasmfiends	Demônios-do-abismo
Chulls	Chules
Denocax	Denocáxi
Dustbringers	Pulverizadores
Everstorm	Tempestade Eterna
Figgldygrak	Figlidigraque
Highstorm	Grantormenta
Honor Chasm	Abismo de Honra
Horneaters	Papaguampas
Kolgril	Cougril
Lavis	Lávis
Lurg	Lurgue
Oathbringer	Sacramentadora

Oathgates	Sacroportais
Oathpact	Sacropacto
Oathstone	Sacrapedra
Parshendi	Parshendiano
Parshman	Parshemano
Purelarker	Lagopurano
Shattered Plains	Planícies Quebradas
Simberry	Simbereja
Spanreed	Telepena
Spren	Espreno
Stormlight	Luz das Tempestades
Stormfather	Pai das Tempestades
Stormblessed	Filho das Tempestades
Stormwarden	Guarda-tempo
Storming	Tormentoso
Stormwinds	Pelos ventos das tormentas
Surgebinders	Manipuladores de Fluxos
Thaylen	Thaylenos
Truthberry	Veramora
Unkalakai	Unkalakianos
Voidbringers	Esvaziadores

**Fonte:** Elaboração da autora

No mundo de Roshar, grande parte da cultura se deve ao fato de existir um evento climático no qual ocorrem chuvas perigosas que duram por muitas horas, conhecido como *highstorm*, que foi traduzido em português como grantormenta. Portanto, o autor utiliza da palavra *storm* para denominar diversas características dentro da história e o prefixo *gran* como correspondente ao *high* em inglês.

*Stormlight* é a luz proveniente das grantormentas, e sua tradução para Luz das Tempestades é literal, também sendo simplificada para Luz no decorrer do livro. *Stormfather* é a divindade que controla as grantormentas, também traduzido literalmente para Pai das Tempestades.

*Everstorm* foi o suposto confronto final entre os humanos e as forças malignas do mundo, traduzido para Tempestade Eterna, de modo que Eterna traduz *Ever*. *Stormblessed* é uma expressão utilizada para se referir a alguém considerado abençoado pelo Pai das Tempestades, dessa forma, a tradução foi uma recriação com menos peso místico ou religioso, como Filho das Tempestades.

*Stormwarden* é o cargo que conhecemos como meteorologista, mas com enfoque apenas em prever a chegada das grantormentas, e foi traduzido de forma criativa para guarda-tempo, portanto desviando de toda a terminologia que contém a palavra tempestade.

O adjetivo *storming* seguido de um substantivo (ex: *storming man*) é uma forma de xingamento, sendo traduzido para tormentoso(a) (no caso, “homem tormentoso”). *Stormwinds* é uma espécie de interjeição e indica surpresa ou frustração, traduzida para “pelos ventos das tormentas”.

Como todos os vocábulos estão relacionados a um mesmo evento, é importante que se mantenha um padrão na escolha dos neologismos traduzidos. Em sua grande maioria, os neologismos contiveram as palavras “tempestade” ou “tormenta”, que são sinônimas, mas que são diferentes – portanto, uma alteração com relação à terminologia de partida, que mantém *storm* em todos os vocábulos relacionados. Uma exceção à regra, como já foi mencionado, é o caso de *stormwarden*, que foi traduzido para guarda-tempo, uma palavra que não deixa explícita que a profissão deles é prever as grantormentas, e não qualquer evento climático.

*Surgebinders* são pessoas que fazem parte de um sistema mágico em que podem controlar um entre dez tipos de *Surges*, forças da natureza. Elas absorvem a Luz das Tempestades para utilizar seus poderes. Em português, a tradução Manipuladores de Fluxos é uma tradução criativa, utilizando-se da ideia do conceito de que o indivíduo manipula uma força a seu favor.

*Oathpact* foi um acordo entre os Dez Arautos para proteger o planeta de Roshar contra as Desolações, eventos cataclísmicos que pretendiam extinguir a humanidade, com sua tradução para Sacropacto. Assim como *storm*, a palavra *oath* é utilizada para determinar outros elementos ao longo da história. *Oathbringer* é o nome que Dalinar Kholin deu para sua Espada Fractal, traduzido para Sacramentadora. *Oathgates* são portais de viagens instantâneas, traduzido para Sacroportais. *Oathstone* é uma pedra com a qual se controla um exilado, traduzido para Sacrapedra. Pode-se perceber que houve um padrão na hora de traduzir esses neologismos, com a palavra *oath* sendo traduzida para sacro(a), sem exceção. Essa escolha influencia inclusive o nome do terceiro livro da série, já que seu título é *Oathbringer* (Sacramentadora).

Os nomes das nacionalidades *Parshendi*, *Alethi*, *Azish*, *Purelaker* e *Parshman* foram traduzidos a partir de gentílicos com o sufixo “-ano”, portanto, parshendiano, alethiano, azishiano, lagopurano e parshemano, respectivamente. Já o povo *Thaylen* foi traduzido com o sufixo “-eno”, portanto, thayleno.

O autor também se utiliza da palavra *bringer* para denominar diversos elementos no universo. *Dustbringers*, uma das ordens dos Radiantes; *Voidbringers*, criaturas lendárias das Desolações; *Oathbringer*, nome da Espada de Dalinar. Apesar de não serem palavras usadas para classificar elementos de uma mesma natureza, elas têm a mesma construção ortográfica *noun + bringer*, dessa forma, foram traduzidos com sufixo “-dor”: Pulverizadores, Esvaziadores e Sacramentadora, respectivamente.

Algumas palavras criadas do zero para nomear espécies de animais e plantas e que não parecem carregar nenhum sentido específico na etimologia, como *chulls*, *kolgril*, *lavis*, *lurg*, *branzhas*, *denocax* e *Figglydygrak*, foram traduzidas com o intuito de manter a mesma sonoridade, abrisleirando apenas a grafia para chules, cougril, lávis, lurgues, branzás, denocáxi e Figlidigraque.

*Truthberry*, *birthberries* e *simberry* são nomes de algumas frutas originárias do planeta de Roshar. *Truthberry* é uma fruta que, quando consumida, supostamente faz com que a pessoa conte apenas a verdade até o próximo pôr do sol, por isso sua tradução criativa para veramora (veracidade + amora). Em dado momento, um personagem menciona que a fumaça das folhas de veramora deixa as pessoas intoxicadas e eufóricas: “Parece que pessoas costumam recolher os caules para fazer fogueira. Elas comem as frutas ao redor da fogueira e têm uma noite bastante... interessante” (Sanderson, 2022, p. 732), ao que Shallan responde que é surpreendente que elas não tenham sido chamadas de *birthberries*, dadas as consequências dessas práticas. A tradução para nascimoras segue o mesmo raciocínio de veramora, aglutinando as palavras nascimento e amora. Já *simberry* é uma fruta que tem como descrição apenas sua cor vermelha (Sanderson, 2022, p. 625), sem nenhuma característica mais específica. Portanto, como o nome não indica nenhum conceito específico, a tradução mantém o prefixo “sim-” em adição à palavra cereja, formando simbereja, no que parece uma tentativa de remeter ao som da palavra em inglês. Há, portanto, uma quebra na lógica ao trocar o sufixo “mora” por “bereja”, embora em inglês sejam todas *berries*, isto é, frutinhas silvestres.

Os *sprens*, esprenos em português, são criaturas místicas presentes no dia a dia dos personagens, podendo apresentar diversas formas e tamanhos e se manifestando na ocorrência de determinados eventos, emoções, ideias, entre outros. Eles levam o nome de acordo com o evento ao qual estão relacionados, portanto, existem por volta de 40 denominações para os esprenos apenas nesse livro. A construção do neologismo em inglês é *noun+sprens* em todas as ocorrências. Em português, a tradução se tornou espreno(s) + de + substantivo. Sendo assim, *windsprens* = esprenos de vento, *starsprens* = esprenos de estrela, *glorysprens* = esprenos de glória, *laughtersprens* = esprenos de riso, padrão esse que se manteve constante na tradução.

*Shattered Plains* é um território composto por vários pedaços de terra separados por fendas profundas que apresentam uma dificuldade para atravessá-lo. Sua tradução para Planícies Quebradas é próxima em sentido.

*Honor Chasm* é o nome dado para uma das fendas das Planícies Quebradas, onde os carregadores de ponte se atiram para ter uma morte mais honrosa que a que lhes espera no trabalho. A tradução para Abismo de Honra também é literal.

*Chasmfiends* são criaturas crustáceas enormes que habitam os abismos das Planícies Quebradas. A tradução para demônios-do-abismo é literal.

*Horneaters* é o modo informal de se referir ao povo *Unkalakai*, respectivamente traduzidos para papaguampas e unkalakianos. A tradução para papaguampas é criativa e foge do óbvio, já que o significado de “come” para “papa” é informal, ao mesmo tempo em que mantém o sentido do neologismo em inglês. A tradução para unkalakianos segue a mesma lógica de gentílicos terminados em “-ano”.

*Spanreed* é um tipo de instrumento usado para comunicações a longa distância, com o qual o remetente escreve em um papel e o aparelho correspondente escreve “sozinho” no papel do destinatário. Nesse caso, houve uma recriação, já que o instrumento é descrito como sendo semelhante a um cálamo, “The spanreeds looked like ordinary writing reeds, (...)” (Sanderson, 2010). Em português, fez-se a escolha de transformar o objeto de escrita em uma pena, mudando assim a descrição para “(...) pareciam penas de escrever comuns, (...)” (Sanderson, 2022, p. 524). Dessa forma, a ferramenta foi traduzida como telepena, com o prefixo “tele-” para indicar a função a distância.

Percebe-se, assim, que algumas estratégias diferentes foram adotadas nas traduções do vocabulário criativo do livro, podendo ser divididas em três categorias: equivalência de sentido, equivalência de som e recriação. A seguir, a tabela apresenta as diferentes categorizações.

**Tabela 2:** Categorização das traduções

<b>Inglês</b>	<b>Português</b>	<b>Classificação</b>
Alethi	Alethiano	Recriação
Azish	Azishiano	Recriação
Birthberries	Nascimoras	Equivalência de sentido
Branzhas	Branzás	Equivalência de som
Chasmfiends	Demônios-do-abismo	Equivalência de sentido
Chulls	Chules	Equivalência de som
Denocax	Denocáxi	Equivalência de som
Dustbringers	Pulverizadores	Equivalência de sentido
Everstorm	Tempestade Eterna	Equivalência de sentido
Figgldygrak	Figlidigraque	Equivalência de som
Highstorm	Grantormenta	Equivalência de sentido
Honor Chasm	Abismo de Honra	Equivalência de sentido
Horneaters	Papaguampas	Recriação
Kolgril	Cougril	Equivalência de som
Lavis	Lávis	Equivalência de som
Lurg	Lurgue	Equivalência de som
Oathbringer	Sacramentadora	Equivalência de sentido
Oathgates	Sacroportais	Equivalência de sentido
Oathpact	Sacropacto	Equivalência de sentido
Oathstone	Sacrapedra	Equivalência de sentido
Parshendi	Parshendiano	Recriação



Parshman	Parshemano	Recriação
Purelarker	Lagopurano	Recriação
Shattered Plains	Planícies Quebradas	Equivalência de sentido
Simberry	Simbereja	Equivalência de som
Spanreed	Telepena	Recriação
Spren	Espreno	Equivalência de som
Stormlight	Luz das Tempestades	Equivalência de sentido
Stormfather	Pai das Tempestades	Equivalência de sentido
Stormblessed	Filho das Tempestades	Equivalência de sentido
Stormwarden	Guarda-tempo	Equivalência de sentido
Storming	Tormentoso	Equivalência de sentido
Stormwinds	Pelos ventos das tormentas	Equivalência de sentido
Surgebinders	Manipuladores de Fluxos	Equivalência de sentido
Thaylen	Thaylenos	Recriação
Truthberry	Veramora	Equivalência de sentido
Unkalakai	Unkalakianos	Recriação
Voidbringers	Esvaziadores	Equivalência de sentido

**Fonte:** Elaboração da autora

Com base nesses dados, torna-se evidente que os tradutores da obra tiveram que tomar diversas decisões para que o texto se tornasse mais acessível e entendível para o público-alvo. Após analisar 38 dessas escolhas, podemos concluir que mais da metade das palavras, aproximadamente 52%, foram traduzidas considerando a equivalência de sentido. Dos 18 neologismos restantes, metade foi

traduzida com base na equivalência de som e a outra metade foi traduzida com uma recriação, cada parte correspondendo a 24% do total.

Essa estatística é importante para o estudo de casos similares, podendo ajudar a compreender como se dão as escolhas tradutórias de neologismos criativos, e como manter um padrão nessas escolhas pode tornar o material mais coerente para os leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu analisar a tradução de neologismos criativos no romance *O caminho dos reis*, de Brandon Sanderson, de modo a estudar um caso de tradução de literatura de massa, especificamente do gênero fantasia, no Brasil. Foi proposta uma categorização das estratégias usadas para a tradução das palavras e expressões com base na discussão sobre equivalência de Chanut, Pym, Barbosa, Catford, Toury, Nida e na reflexão sobre tradução de nomes de Nord.

Para se atingir uma compreensão dos padrões de estratégia, definiram-se três objetivos específicos. Primeiro, comparar o texto de partida com o de chegada, levando em consideração os neologismos criativos inventados pelo autor e como foram recriados em português brasileiro pelo tradutor. Depois, contribuir para o estudo da tradução de nomes próprios e de neologismos criativos na esfera da literatura contemporânea de fantasia. Por fim, observar um caso de recriação em literatura não complexa. A análise de uma seleção de palavras e expressões do romance permitiu concluir que há um padrão de estratégias utilizadas para traduzi-las. Dessa forma, surgiu a denominação das três estratégias observadas: equivalência de sentido, equivalência de som e recriação.

Baseando-se no resultados da análise, pode-se concluir que os tradutores possivelmente seguiram uma determinada lógica para escolher a estratégia palavra a palavra. Para as que possuíam um significado explícito, eles utilizaram a equivalência de sentido, como no caso de *Dustbringers* (“tazedores de pó”, em tradução literal), que foi traduzido para Pulverizadores. Para as que não possuíam um significado, eles utilizaram a equivalência de som, como o caso de *Figgldygrak* para *Figlidigraque*. Por último, para os neologismos que se referiam a um nome próprio, seja de lugar ou de um povo, eles utilizaram a recriação, como no caso do gentílico *Alethi* para *alethiano*. Dessa forma, foi possível ser observada uma continuidade na padronização da escolha de estratégia tradutória utilizada a depender da categoria do neologismo criativo, como, por exemplo, todos os gentílicos serem traduzidos com uma recriação.

O presente trabalho pode servir como ajuda para que tradutores literários possam refletir sobre a tradução de neologismos criativos e as possibilidades diversas de estratégias que podem ser utilizadas nesses casos.

Este trabalho também pode ser utilizado para possíveis pesquisas futuras, como aplicar a questão da equivalência ao vocabulário criativo de outras obras literárias ou explorar outros aspectos da tradução de *The Way of Kings* ou das obras de Sanderson, que são tão particulares.

Por fim, vale ressaltar que não há uma abundância de estudos sobre a tradução de literatura de massa. Este trabalho procurou colaborar para que esse tipo de tradução seja mais explorada em futuras pesquisas, o que seria de grande valia para os estudos de tradução literária, levando em conta que esse tipo de literatura é bastante traduzido em nosso país.

## REFERÊNCIAS

- ALTYNBEKOV, A. M. *et al.* Linguistic creativity of occasionalisms in Brandon Sanderson's works. **Bulletin of the Karaganda University**, Karaganda, v. 29, n° 2, 24 jun. 2024. Actual problems of linguistics. Disponível em: <https://doi.org/10.31489/2024ph2/38-47>. Acesso em: 26 set. 2024.
- AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilingue**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001.
- BARBOSA, H. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, 1990.
- CAMPOS, H. Da tradução como criação e como crítica. In CAMPOS, H. **Metalinguagem & outras metas**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CAMPOS, H. **Da transcrição poética e semiótica da operação tradutória**. 1. ed. Belo Horizonte: Viva Voz, 2011.
- CHANUT, M. A noção de equivalência e a sua especificidade na tradução especializada. **TradTerm**, São Paulo, v.19, p.43-70, 2012.
- COSTA, C. B. Nomes próprios em *Dom Casmurro*: opções de tradução em inglês e francês. **Scientia Traductionis**, n. 14, p. 140-151, 2013.
- COSTA, C.; PISETTA, L. A tradução da literatura de massa: desafios específicos. **Revista Graphos**, v. 24, n° 1, 2022.
- FACCHINI, T.; NETO, L. LeYa fala em 'retração da literatura fantástica' ao anunciar que não publicará mais Brandon Sanderson. **PublishNews**, 23 jun. 2020. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2020/06/23/leya-fala-em-retracao-da-literatura-fantastica-ao-anunciar-que-nao-publicara-mais-brandon-sanderson>. Acesso em: 26 set. 2024.
- GONÇALVES, D. Os nomes da Terra Média: as dicas de J.R.R. Tolkien para a tradução de O Senhor dos Anéis. **Estudos Linguísticos**, v. 34, 2005.
- JENNINGS, D. After Years of Writing, an Author's Own Epic Fantasy Comes True. **The New York Times**, New York, 16 abr. 2014. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/04/17/books/brandon-sanderson-tops-best-sellers-with-words-of-radiance.html>. Acesso em: 27 ago. 2024.
- JUNQUEIRA, I. A poesia é traduzível?. **Estudos Avançados**, v. 26, n. 76, p. 9–14, set. 2012.
- LEITE, I. A tradução dos nomes em Harry Potter. **Rónai**, v. 5, n° 1, 2017.
- LOPES, D. Sobre a 'tradução' ou não 'tradução' de nomes próprios. **Polissema - revista de letras do ISCAP**, v. 5, 2005.
- NIDA, E. **Toward a Science of Translation**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

NORD, C. Proper Names in Translations for Children: Alice in Wonderland as a Case in Point. **Meta: Translators' Journal**, v. 48, n° 1-2, 2003.

PINHEIRO, F. Por que é tão difícil editar séries de fantasia? **Intrínseca**, 17 out. 2016. Blog. Disponível em: <https://intrinseca.com.br/blog/2016/10/por-que-e-tao-dificil-editar-series-de-fantasia/>. Acesso em: 26 set. 2024.

PONTES, V.; FRANCIS, M. A noção de equivalência para os estudos da tradução, lexicografia e sociolinguística variacionista. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 2, n. 34, p. 229–247, 2014. DOI: 10.5007/2175-7968.2014v2n34p229. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p229>. Acesso em: 23 set. 2024.

PRÓ-SABER SÃO PAULO. Acesso à leitura ainda é desafio no Brasil. Como formar mais leitores?. **Pró-Saber São Paulo**, 09 mar. 2023. Disponível em: <https://prosabersp.org.br/acesso-a-leitura-ainda-e-desafio-no-brasil-como-formar-mais-leitores/>. Acesso em: 09 out. 2024.

PYM, A. **Explorando as Teorias da Tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

REITE, T. **À descoberta de particularidades no português de Moçambique: explorações quantitativas e comparativas**. Dissertação de mestrado (Português) – Universidade de Oslo, 2013.

ROBINS, R. H.; CRYSTAL, D. “Language”. **Encyclopedia Britannica**, 15 set. 2024. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/language>. Acesso em: 08 out. 2024.

RODRIGUES, C. C. Tradução: a questão da equivalência. **Alfa**, v. 44, p. 89-98, 2000.

RODRIGUES, G. **Questionando dicotomias: uma análise da tradução do Guia de Pronúncia no *Ciclo A Herança***. TCC (Bacharel em Letras-Tradução, Ênfase em Inglês) – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2022.

SANDERSON, B. **O caminho dos reis**. Tradução: Pedro Ribeiro; Paulo Afonso. 1º ed. Rio de Janeiro: Trama, 2022.

\_\_\_\_\_. **The Way of Kings**. 1. ed. New York: Tor books, 2010.

SKOOB. **Skoob**. Top mais abandonados. Disponível em: [https://www.skoob.com.br/livro/top\\_mais/abandonados/](https://www.skoob.com.br/livro/top_mais/abandonados/). Acesso em: 10 out. 2024.

\_\_\_\_\_. **Skoob**. Top mais lidos. Disponível em: [https://www.skoob.com.br/livro/top\\_mais/lidos/](https://www.skoob.com.br/livro/top_mais/lidos/). Acesso em: 10 out. 2024.

\_\_\_\_\_. **Skoob**. Top mais trocados. Disponível em: [https://www.skoob.com.br/livro/top\\_mais/trocados/](https://www.skoob.com.br/livro/top_mais/trocados/). Acesso em: 10 out. 2024.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit: ou lá e de volta outra vez**. Tradução: Reinaldo José Lopes. 1º ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

ZILIO, V. **Fantasy in Translation:** a study of the Italian versions of Sanderson's The Stormlight Archive. Tese (Curso de Línguas, Literaturas e Mediação Cultural) – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade de Pádua. Pádua, 2022.